

## ESPOROTRICOSE FELINA – RELATO DE CASO

THAIS BASTOS STEFANELLO<sup>1</sup>; LUIZA DA GAMA OSÓRIO<sup>2</sup>; ANNA LUIZA SILVA<sup>3</sup>,  
AURÉLIO LUCIANO COSTA<sup>3</sup>, VANESSA MILECH<sup>3</sup>, MÁRIO CARLOS ARAÚJO  
MEIRELES<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Graduanda Medicina Veterinária/UFPel – thais\_stefanello@hotmail.com

<sup>2</sup>PPGCV/UFRGS – luizaosorio@yahoo.com

<sup>3</sup>Graduando Medicina Veterinária/UFPel

<sup>4</sup>Prof. Associado/Faculdade de Veterinária/UFPel – meireles@ufpel.edu.br

### 1. INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma micose de distribuição mundial que acomete o homem e diversas espécies de animais domésticos e silvestres (MEIRELES; NASCENTE, 2009). É uma doença subcutânea causada por fungos do complexo *Sporothrix*, que inicia com a inoculação traumática do fungo por feridas penetrantes na pele através do contato com solos, vegetais secos ou em decomposição contaminados, ou pela mordedura e arranhadura de animal infectado (LARSSON, 2011). Uma das principais características morfológicas do gênero é o dimorfismo, ou seja, tem aspectos micro e macro morfológicos distintos em função do substrato e da temperatura. No ambiente (ou encubado a 25<sup>o</sup>) o fungo é filamentosos, enquanto que a 37<sup>o</sup> é leveduriforme, tal como se apresenta no tecido do hospedeiro, seja animal ou humano (LACAZ et al., 2002).

A esporotricose é uma zoonose emergente que vem ganhando grande importância, devido principalmente à grande disseminação em felinos habitantes de zonas endêmicas, sendo extremamente importante em saúde pública devido à estreita relação dos gatos com o ser humano (IKEDA; OTSUKA, 2000). Sua maior incidência ocorre em felinos machos peridomiciliados, não castrados e com menos de quatro anos (FARIAS et al., 1997; TABOADA, 2004), por seus hábitos territorialistas e por afiarem as garras em troncos de árvores. Dessa forma, em virtude da importância da enfermidade na região sul do Brasil, o objetivo foi relatar um caso de esporotricose em felino macho errante, ressaltando a importância destes animais na epidemiologia da doença.

### 2. METODOLOGIA

Em uma clínica veterinária localizada na cidade de Pelotas/RS foi atendido um felino, de aproximadamente três anos, macho, não castrado, errante, com histórico desconhecido. Ao exame clínico observou-se múltiplas lesões cutâneas ulceradas com presença de crostas localizadas em plano nasal, região periocular direita, orelha esquerda, membros anteriores e posteriores e saco escrotal. Devido aos sinais clínicos coletou-se secreção das lesões com swab com posterior encaminhamento ao Centro de Pesquisa e Diagnóstico em Micologia Veterinária da Faculdade de Veterinária da Universidade Federal de Pelotas (MicVet - FaVet - UFPel). Com o agravamento do quadro, após dois dias o felino foi a óbito e, dessa forma, submetido à necropsia.

Na necropsia foram realizados exame anatomopatológico e coleta de material para exames micológico e histopatológico. Previamente à coleta do material, realizou-se a antissepsia das lesões cutâneas com solução salina estéril. Para a

obtenção do material, as técnicas utilizadas foram o *imprint* das lesões em lâmina de vidro, fricção por *swab* estéril das lesões e coleta de fragmentos dos tecidos: pulmões, rins, fígado, baço e testículos, que foram armazenados em frascos estéreis para o exame micológico (Fig. 1). Também efetuou-se o *imprint* das unhas em placa de Petri com Ágar Sabouraud dextrose acrescido de cloranfenicol e cicloheximida (Ágar Mycosel®).



Fig. 1 - Coleta de material de felino doméstico com esporotricose. Em A fricção por *swab* estéril, em B *imprint* de lâmina sobre a lesão e em C coleta de fragmentos de órgãos.

O material coletado para avaliação micológica, tanto proveniente da Clínica Veterinária como o da necropsia foi imediatamente encaminhado para o processamento no MicVet.

Os órgãos foram semeados em placas de petri contendo Ágar Mycozel® (My) e Ágar Sabouraud dextrose com cloranfenicol (Sb+Cl). A técnica utilizada foi a de esgotamento. Esta mesma técnica foi utilizada no processamento dos *swabs*. Após a semeadura realizou-se o exame direto do material.

As placas semeadas no laboratório e as que continham o *imprint* das garras foram encubadas em duplicata a 37°C e a 25°C, para confirmação do dimorfismo do agente. Todas as placas permaneceram em estufa de incubação pelo período de sete dias com observação diária das colônias quanto à coloração, textura, topografia e tempo de crescimento.

Após o crescimento fúngico, realizou-se o exame direto de todas as colônias. Para a fase filamentosa foi através de esfregaços em lâminas de microscopia corados com lactofenol entre lâmina e lamínula em aumento de 400x. Para observação da fase leveduriforme as colônias foram coradas de acordo com a técnica de Gram incompleta e observadas em aumento de 1000x, com óleo de imersão. As lâminas com o *imprint* das lesões, coletadas durante a necropsia, e as lâminas com exame direto dos *swabs* também foram coradas pela técnica de Gram incompleto.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das amostras colhidas *in vivo*, durante consulta na clínica veterinária, foi realizado o isolamento do material, onde foi detectado o crescimento de complexo *Sporothrix*, confirmando-se o diagnóstico de esporotricose.

Durante a necropsia, observou-se ausência de lesões macroscópicas internas, ou seja, os órgãos apresentaram-se com aspecto e coloração normais,

resultados semelhantes aos encontrados por Pimentel et al. (2011). Quanto às amostras coletadas, houve crescimento de *Sporothrix* sp. em todas as placas semeadas com *swab* proveniente das lesões cutâneas, pulmões, fígado, testículos e baço. Mesmo que no exame necroscópico não tenham sido observadas lesões macroscópicas nos órgãos, em todos havia a presença do fungo, o que comprova a disseminação da doença, provavelmente por via hematogênica, confirmando assim o quadro de esporotricose sistêmica disseminada. Quanto ao isolamento do fungo dos testículos, a castração pode se justificar pelo tropismo do fungo pelo tecido, além das mudanças comportamentais nos animais (LARSSON, 2000).

Os cultivos apresentaram, a 37°C, colônias leveduriformes, de cor creme e consistência cremosa (Fig. 2); e a 25°C, observaram-se colônias filamentosas, de cor escura (Fig. 3). O estudo da micro morfologia da forma leveduriforme revelou a presença de células ovais e alongadas, em formato de “charuto” (Fig. 4). No esfregaço obtido através da colônia na forma filamentosa do fungo, visualizaram-se hifas finas septadas e ramificadas com abundantes conídios ao longo destas, e conidióforos com conídios alojados na sua extremidade, dispendo-se em formas de “margaridas”. Conforme descrito na literatura (LACAZ, 2002).

No exame direto realizado com as lâminas de *imprint* das lesões foi visualizada grande quantidade de leveduras alongadas. Porém, vale ressaltar que o diagnóstico definitivo não pode ser realizado através do exame citológico, mas somente através do cultivo fúngico, de acordo com Schubach & Schubach (2000), onde afirmam que para a confirmação do diagnóstico, faz-se necessário o isolamento do *Sporothrix* spp. em meio de cultura a temperaturas diferentes.

O isolamento fúngico a partir das unhas do felino vem a confirmar a importância do gato doméstico na disseminação da doença (SOUZA et al., 2006).

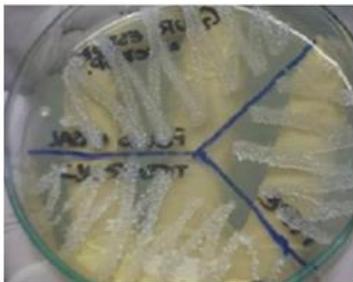


Fig. 2 – Placa incubada a 37°C com crescimento de *Sporothrix* sp. na forma de levedura.



Fig. 3 – Placa incubada a 25° C com crescimento de *Sporothrix* sp. na forma filamentosa.

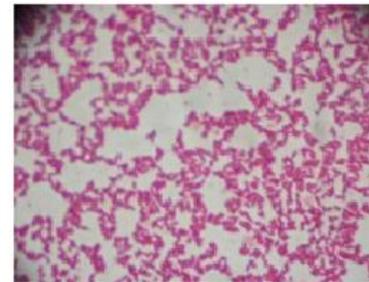


Fig. 4– Visualização do exame direto de colônias leveduriformes de *Sporothrix* sp.

#### 4. CONCLUSÕES

O presente estudo relatou um caso de esporotricose disseminada em um felino doméstico errante proveniente de uma região endêmica. Neste relato observou-se a capacidade que os fungos complexo *Sporothrix* tem de disseminação e o quanto é importante um diagnóstico rápido dessa enfermidade para o sucesso terapêutico e profilático.

A esporotricose é uma micose cosmopolita em ascensão, por isso, é de grande importância o conhecimento de sua patogenia, transmissão e epidemiologia, principalmente em áreas consideradas endêmicas.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FARIAS, M. R. et al. Esporotricose canina e felina. **Cães & Gatos**. n. 76, p. 30-38, 1997.

IKEDA, F.; OTSUKA, M. Esporotricose o mau das garras. **Nosso Clínico**. n. 17, p.8-10, 2000.

LACAZ, C. S.; PORTO, E.; MARTINS, J. E. C.; HEINS-VACCARI, E. M.; MELO, N. T. Esporotricose e outras micoses gomosas. **Tratado de Micologia Médica**. 9. ed. São Paulo: Savier, p. 479-497, 2002.

LARSSON, C. E.; Esporotricose. **Braz. J. Vet. Res. Anim. Sci.** v. 48, n. 3, São Paulo, p. 250-259, 2011.

MEIRELES, M.C.A.; NASCENTE, P. S.; **Micologia Veterinária**. Pelotas: UFPEL- Editora e Gráfica Universitária. 2009, p.109-123.

PIMENTEL, M. C.; BOLZAN, Q.; SOMMER, C.; MARTINS, D.B.; FISS, L.; ROSSATO, C.K. Esporotricose felina – relato de caso. In: **XVI Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão, XV Mostra de Iniciação Científica e X Mostra de Extensão, Universidade de Cruz Alta**. 2011. **Anais do XVI Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão**. Cruz Alta/RS. 2011, 4p.

SOUZA, L.L.; NASCENTE, P.S.; NOBRE, M.O.; MEINERZ, A.R.M.; MEIRELES, M.C.M. Isolation of sporothrix schenkii from the nails of healthy cats. **Brazilian Journal of Microbiology**, 2006, nº 37, p. 372-374.

SCHUBACH, T. M. P.; SCHUBACH, A. de O. Esporotricose em gatos e cães – revisão. **Clínica Veterinária**, n. 29, p. 21-24, 2000.

TABOADA, J. Micose sistêmicas. In: ETTINGER, S.J.; FELDMAN, E.C. **Tratado de Medicina Interna Veterinária**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S. A., v. 1, p. 478- 503, 2004.

**Agradecimentos:** MicVet e Carolina Lobo.